

DIMENSÕES POÉTICAS DO ESPAÇO ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Marcelo Forte¹

Resumo: Este texto apresenta uma experiência de estágio supervisionado, destacando propostas desenvolvidas enquanto orientador de uma turma do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual do Paraná, Campus de Curitiba II - FAP. As atividades buscaram aproximar os/as estudantes do contexto escolar por meio de um olhar poético-pedagógico, estimulando reflexões sobre a docência em diálogo com práticas artísticas. Além disso, o texto discute o conceito de professor/a-artista como eixo de conexão entre as práticas desenvolvidas ao longo do ano letivo. A experiência revelou desafios e possibilidades no processo de formação docente e nas concepções sobre a educação básica, evidenciando o estágio como um espaço potente de experimentação, criação e ressignificação da prática pedagógica.

Palavras-chave: Estágio supervisionado; Professor/a-artista; Propostas poético/pedagógicas; Formação docente.

¹ Professor adjunto do curso de Licenciatura em Artes Visuais (UNESPAR). Doutor em Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra, Portugal. Mestre em Arte e Cultura Visual (UFG). Possui licenciatura plena no curso de Artes Visuais - Desenho e Plástica (UFSM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3959-2085> Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1214662166228179>
E-mail: marceloforteart@gmail.com

POETIC DIMENSIONS OF THE SCHOOL ENVIRONMENT: AN EXPERIENCE IN SUPERVISED INTERNSHIP

Abstract: This text presents a supervised internship experience highlighting proposals developed by a mentor for a group of students in the Bachelor's Degree in Art Education program at Paraná State University, Curitiba campus II - FAP. The activities aimed to bring students closer to the school context through a poetic-pedagogical perspective, encouraging reflections on teaching in dialogue with artistic practices. Furthermore, the text discusses the concept of the teacher-artist as a connecting axis between the practices developed throughout the academic year. The experience revealed challenges and possibilities in the teacher education process and in conceptions of basic education, highlighting the internship as a powerful space for experimentation, creation, and redefinition of pedagogical practice.

Keywords: Supervised internship; Teacher-artist; Poetic-pedagogical proposals; Teacher education.

Este texto propõe uma reflexão sobre as possíveis conexões entre arte e docência, a partir de uma experiência vivida durante o ano letivo de 2024, no curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual do Paraná - Campus de Curitiba II - FAP, com um grupo de estudantes da disciplina de Estágio Supervisionado I. Como orientador de estágio, iniciei o ano com duas propostas poético-pedagógicas para os estagiários. A primeira consistia no desenvolvimento de um diário de campo, como um espaço tanto para registrar as situações vividas e as reflexões sobre a docência, quanto para servir como um ponto de criação poética, um meio de refletir sobre a experiência a partir de uma perspectiva artística.

A segunda proposta envolvia o compromisso de cada estudante em coletar na escola algo pequeno o suficiente para caber em um frasco de vidro de altura de 4,5 cm. O objetivo era criar uma instalação artística a partir dos frascos e seus conteúdos, além de promover uma reflexão sobre aquilo que, no ambiente educacional, muitas vezes é visto como pequeno ou insignificante, mas que, ao ser ressignificado, pode revelar novos olhares e valorizar o que normalmente passa despercebido.

Desde algum tempo venho investigando a formação de professores-artistas no campo das artes visuais. Autores como Daichendt (2010; 2016), Thornton (2013), Jesus (2013) e Lampert (2015) têm colaborado para pensar uma formação de professores em artes visuais que esteja atrelada ao fazer artístico, que permita e incorpore interconexões. A partir do conceito de professor-artista busco olhar para as possíveis intersecções entre arte e docência, percebendo como uma prática artística, uma metodologia de trabalho, ou mesmo uma organização de ateliê podem repercutir nos modos de se pensar a docência. Além disso, proponho olhar para o espaço escolar como um lugar de criação, compreendendo as potencialidades poéticas que estão presentes na sala de aula.

Ao acompanhar as reivindicações feitas pelos estudantes em formação, percebo que há uma queixa recorrente sobre um aumento abrupto das disciplinas teóricas e pedagógicas e diminuição das disciplinas de práticas artísticas ao longo do curso. Essa fala esteve presente no grupo focal de minha investigação de mestrado, composto por estudantes/estagiários de Artes Visuais

da Universidade Federal de Goiás, entre 2011 e 2013, e atualmente em minha própria experiência docente ao ouvir aqueles que participam de minhas aulas.

Neste sentido, ao assumir a disciplina de Estágio Supervisionado I, senti que poderia ser uma boa oportunidade de trazer a perspectiva do professor-artista na elaboração das propostas de trabalho no decorrer do ano letivo. Esse modo de ser/estar na docência, tomando o fazer artístico como um caminho de conexão, viria como uma possibilidade de aprofundar-se no campo da educação, sem perder de vista a criação artística.

Não se trata de renunciar ao componente curricular e à ementa da disciplina, mas de trazer para o contexto outras formas de aproximação com os conteúdos essenciais dessa etapa da formação. As aprendizagens sobre a escola e o que a compõe, sobre as aulas de artes e seus conteúdos, metodologias e processos de avaliação, são abordadas a partir dessas práticas que envolvem um olhar e/ou um fazer artístico.

É desde esse lugar, portanto, que venho traçar algumas reflexões. A fim de organização da escrita, apresentarei as atividades realizadas com os estudantes, iniciando pelo diário de campo, posteriormente apresentarei a instalação artística *Vestígios* (2024) composta pelos frascos e seus conteúdos coletados nas escolas. Por fim, farei alguns apontamentos acerca do conceito de professor/a-artista.

O diário de campo

Nos processos de formação em licenciatura, o estágio supervisionado tem, entre suas características, a possibilidade de o estudante aprender com e a partir da escola. É um momento de observar, perceber as movimentações, entender as propostas político pedagógicas da instituição e o desenvolvimento das práticas no cotidiano. Também é a possibilidade de experimentar a docência, de planejar e realizar suas aulas, de ter a atenção de um grupo de estudantes e utilizar da melhor forma o tempo e o espaço concedidos.

Meu trabalho de orientação de estágio é exclusivamente para o ensino formal, portanto, as experiências aqui descritas serão sempre no contexto

escolar, desenvolvidas pelos estagiários em duas etapas, uma com estudantes do ensino fundamental II e outra com o ensino médio. Iniciei o ano letivo com a proposta de realização de um diário de campo, um espaço de escrita, anotações, reflexões, desenhos, colagens e tudo aquilo que se mostrasse interessante para os estudantes em seus percursos.

A ideia, também, vinha como uma alternativa aos relatórios de estágio. Esses devem ser entregues ao final das atividades, como forma de avaliação e documentação. Neste sentido, o diário abriria a possibilidade de uma escrita menos dura, menos formatada em margens, fontes e regras pré-definidas. Cada um/a poderia escolher se utilizaria meios digitais ou analógicos, formatos de cadernos, tipos de folha, mas, sobretudo, a abordagem que seria dada nesse espaço que, embora íntimo, também seria visto pelo orientador e permaneceria nos arquivos da universidade.

Como disparador, estudamos o texto *O que pode um diário de aula?* (2013), da professora e pesquisadora Marilda Oliveira, e analisamos imagens cedidas por ela que documentam experiências de estudantes estagiários do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria. Essa proposta recebeu o nome de Diário da Prática Pedagógica (DPP) e, conforme aponta Oliveira (2013, p. 230), em um primeiro momento, os estudantes tiveram dificuldade para se afastar do formato de relato formal, muitas vezes semelhante a uma ata. No entanto, à medida que foram experimentando, surgiram modos diversos de compor esses diários, como “blogs, vídeos, fotografias, pranchas, álbuns, bloco de notas, slides em PowerPoint, novelas, poesias, performance, mapas conceituais, diários de viagem, cordéis, animações, HQs, entre outros” (*Ibidem*, 2013, p. 230).

Com minha turma de estudantes, tivemos diferentes tipos de cadernos e o formato digital produzido em plataformas de criação de imagem e texto. Ao longo do ano, alguns estudantes relatavam impasses no desenvolvimento do diário, não conseguiam escrever de outra forma que não fosse um texto corrido em forma de relato, e o problema aumentava quando eram estimulados a pensar o diário enquanto um espaço poético.

Como essa proposta estava diretamente vinculada ao relatório de estágio que deveria obrigatoriamente ser entregue ao final do ano, decidi

elaborar um roteiro sobre os apontamentos básicos que deveriam nele constar, além de lançar algumas perguntas para que os estagiários pudessem pensar nelas durante a experiência e no decorrer da escrita nos diários. São elas:

Como me senti chegando pela primeira vez na escola?
Como me senti despedindo-me ao final do estágio?
Quais são as imagens que me provocam nesse ambiente?
Quais são os cheiros que criam uma identidade ao local?
Quais são os sons mais constantes?
O que me marcou na fala dos professores e dos estudantes desse colégio?
Qual a sensação de estar na sala de aula?
Qual a sensação de estar na sala de professores?
Tive medo? Quando?
Fiquei chateado/a? Quando?
Fiquei contente? Quando?
O que estou aprendendo com essa experiência?
O que os estudantes me ensinaram?
Quais foram as trocas possíveis com o/a supervisor/a?
Qual o propósito dessas questões? A resposta está em um incômodo que não é só meu e nem é de agora. O relatório de estágio tende a ser um texto duro, repleto de informações sobre a escola e detalhes da prática, realizados como forma de cumprir uma demanda, mas sem necessariamente uma reflexão efetiva da parte de quem o faz. A ideia de adotar o diário como espaço de produção e buscar responder a essas perguntas, abre um caminho para refletir, ponderar, tentar entender o que realmente aconteceu em dado momento.

O movimento de escrever e retornar tempos depois às páginas acaba nos dando um panorama diferenciado sobre a sucessão dos dias: neste vai e vem de escrita e leitura do diário é possível ver poesia naquilo que está impregnado pela cotidianidade da vida. É ter o que dizer sobre ela, mesmo quando se nos apresenta de forma aparentemente igual ao que é sempre. (Nunes, 2015, p. 3349)

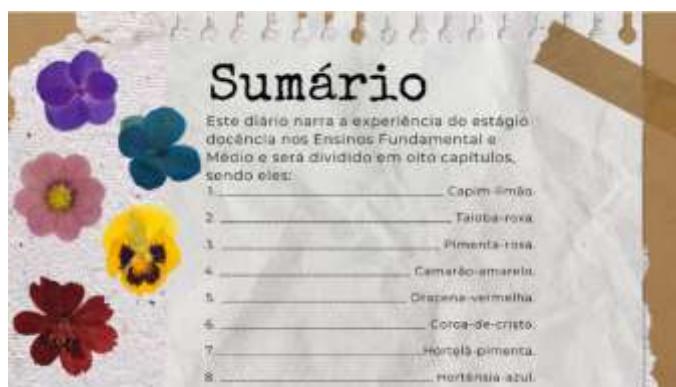
Os estudantes de estágio ocupam os espaços da escola por pouco tempo e as ações passam de forma muito rápida. Entender que o diário pode ser

esse espaço de captura de sensações, pensamentos, ideias, percepções daquilo que está passando diante de seus olhos, abre uma outra perspectiva para os relatórios. Escrever, desenhar, colar e depois voltar às páginas para rever o que foi registrado, faz com que o/a estagiário/a se reencontre na memória e pondere se aquilo narrado, depois de algum tempo, ainda tem o mesmo significado, o mesmo peso e valor.

Esse distanciamento temporal que pode haver entre o momento de ocupar as folhas do diário e o de retomar sua leitura, já havia sido mencionado por Zabalza (2004, p. 136) como uma possibilidade de distanciar-se do vivido e a partir de outras lentes conectar-se novamente com os dados presentes no relato. Oliveira (2013, p. 231) também pontua sobre a seleção que fazemos ao criar um diário, as escolhas do que queremos narrar, sob qual ponto de vista, as maneiras, os materiais e recursos que lançamos mão.

Mesmo com algumas dificuldades ao longo do caminho, quase todos estudantes desenvolveram seus relatórios finais utilizando o diário como um meio. Alguns trabalharam com cadernos, outros com recursos digitais e outros ainda de forma híbrida. Chamo atenção para alguns detalhes encontrados nessa diversidade de criações: A estudante Kamila desenvolveu seu diário (Figura 1) em uma plataforma digital e decidiu relacionar os capítulos de seu relatório às plantas encontradas nos arredores da escola. Teve um pensamento artístico na construção de cada página, nas imagens das plantas, nas cores utilizadas e não perdeu de vista a narrativa daquilo que encontrou em sala de aula durante sua experiência.

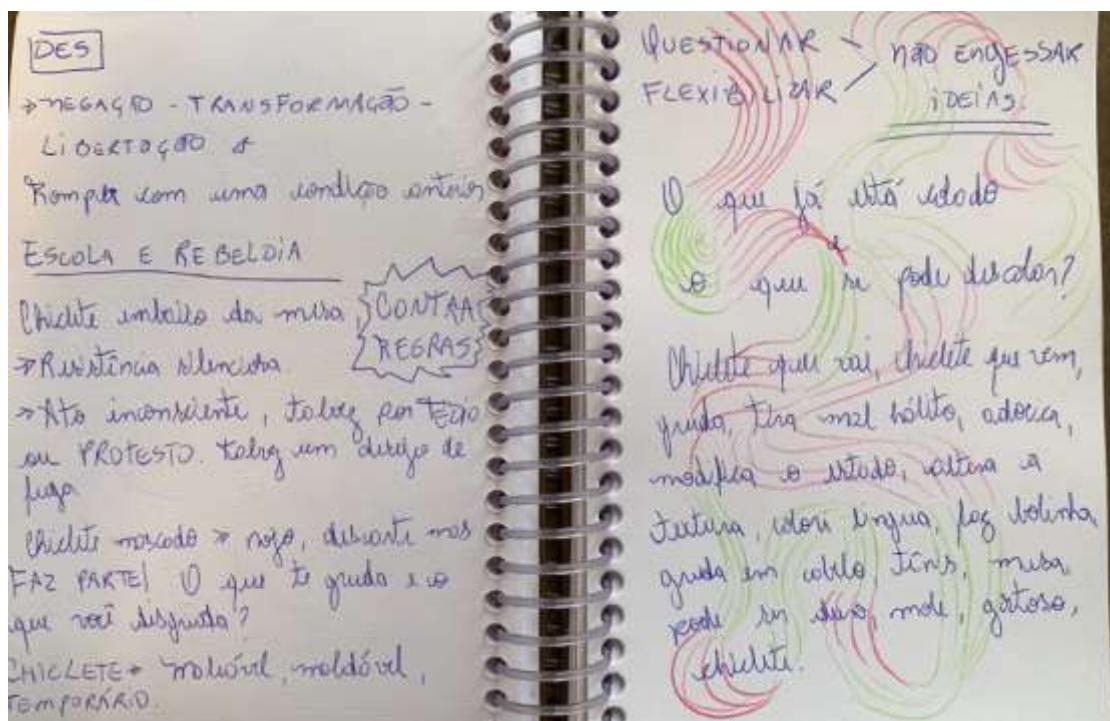
Figura 1: Página de diário de campo da estudante Kamila, 2024



Fonte: Acervo do autor

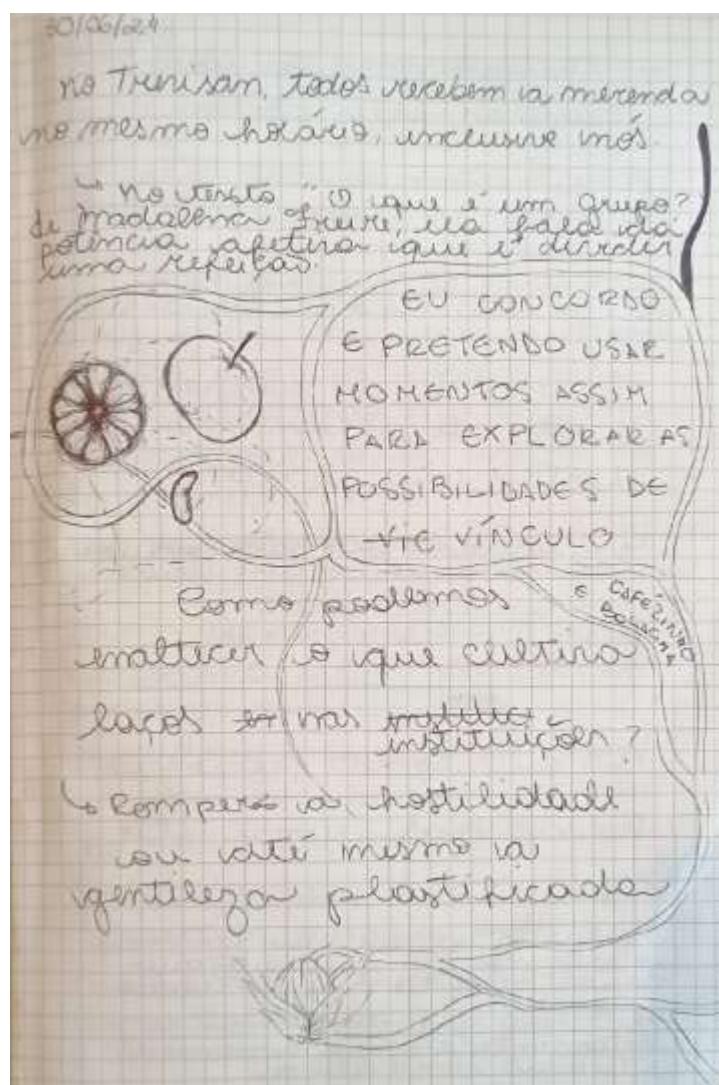
A estudante Bruna capturou da escola algo que é bastante frequente, os chicletes colados debaixo da carteira. Tramou um jogo com a palavra descolar, buscando refletir sobre o que precisa ser descolado do ambiente escolar. Questionou os estudantes a respeito da palavra descolar, fez anotações no diário, pensou poeticamente nesses apontamentos e desenvolveu propostas artísticas utilizando essa materialidade.

Figura 2: Páginas do diário de campo da estudante Bruna 2024



Fonte: Acervo do autor

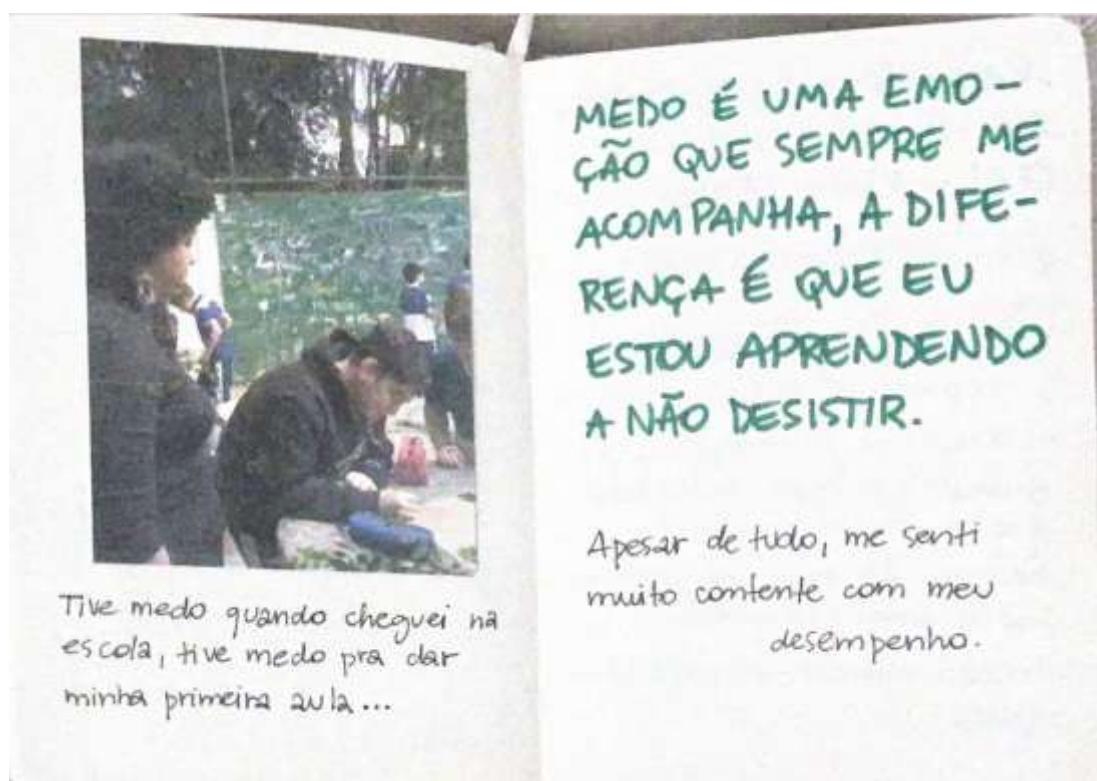
Também foi possível encontrar, nos diários, reflexões articuladas a partir de outras leituras e de atividades de diferentes disciplinas, como é possível observar na Figura 3. No diário de Laís, por exemplo, há uma série de conexões que a estudante estabelece com outras experiências vividas a partir do que encontrava no ambiente escolar. Ou seja, ela constrói vínculos entre as situações do estágio e os conteúdos que atravessavam sua formação acadêmica.

Figura 3: Diário de campo da estudante Laís, 2024

Fonte: Acervo do autor

Na Figura 4, está o diário da estudante Andreza. Ao longo de suas páginas, ela reflete sobre o medo, as inseguranças e o nervosismo que acometem o corpo no instante em que uma turma inteira de alunos está à sua frente, à espera de sua voz, de sua ação. Trata-se de um diário sensível e afetivo, na medida em que revela o acolhimento que ela oferece a si mesma.

Figura 4: Diário de campo da estudante Andreza, 2024



Fonte: Acervo do autor

Essas são apenas algumas das estratégias e das abordagens tomadas na realização dos diários de campo. O que se percebe ao final, em contato com todos eles, é a sua diversidade. Cada estudante teve um “modo de fazer” diferente do outro, trazendo apontamentos e reflexões próprias daquilo que lhes interessava ou lhes incomodava. Também utilizaram de recursos que tinham à mão e que tinham mais intimidade, desde a questão material quanto a poética.

Desta maneira, a maioria dos relatórios finais tiveram suas características ampliadas, deixaram de ser um relato corrido das ações executadas, um texto preocupado em trazer todos os detalhes históricos da instituição, com detalhamento de cada passo dado dentro dela, para ser uma escrita que nos conte sobre suas experiências. Ou seja, um meio de expressar o que é de fato estar no ambiente escolar, dentro da sala de aula, diante dos desafios da docência.

Vestígios

A segunda proposta que fiz aos estudantes, foi de coletarem algo que coubesse em um frasquinho de vidro de 4,5 cm de altura, com aproximadamente 4,5 cm de diâmetro. Como se pode imaginar, é um espaço pequeno, que não cabe muita coisa. E era exatamente esse o propósito. Cada estagiário/a teria de observar as minúcias, aquilo que muitas vezes passa despercebido no ambiente, o que é ínfimo, sem valor. Era uma atividade bem objetiva e sem grandes complexidades, bastava recolher algo, fechar com a tampa de rolha e me entregar.

Com isso, chamava atenção para duas ideias que eu queria tratar em sala de aula. Uma que era a possibilidade de criação artística com algo que está presente no cotidiano da escola, tramando assim uma relação entre arte e docência no processo de formação. E a outra era a atenção às insignificâncias. Ao passo que recolhiam esses pequenos materiais, também eram convidados por mim, a prestar atenção nas pequenas coisas que aconteciam na escola. Ouvir os sussurros, sentir os cheiros, perceber o ambiente com todos os sentidos, notar aquilo que pode não chamar tanta atenção, mas que também tem sua existência marcada naquele espaço.

Figura 5: Objetos da instalação artística *Vestígios*. Arquivo do autor, 2024



Fonte: Acervo do autor

Como resultado, tivemos a instalação de treze frascos que dei o nome de *Vestígios* e que esteve presente na Exposição *Vínculos*, organizada por mim e pela professora Laura Formighieri, que contou com a participação dos estudantes da disciplina de Estágio Supervisionado I – noturno e Estágio Supervisionado II – diurno e noturno. Entre os conteúdos dos frascos tivemos pedrinhas, folhas, papéis, chiclete, terra, pó de giz, entre outros.

Para nossa surpresa, no pote com terra havia sementes e essas brotaram. Embora dentro de um lugar tão pequeno e apertado, ainda assim houve espaço para algo novo surgir. E esse acontecimento, desencadeou uma série de reflexões sobre o estágio, sobre a escola, sobre a potência da educação na vida das pessoas. Ao romper a superfície da terra, aquelas sementes também nos fizeram pensar que, mesmo em condições adversas, é possível encontrar um caminho.

Há escolas que não possuem recursos, outras com obstáculos criados pelo estado ou às vezes pelos próprios gestores, há limitações para os professores criarem aulas mais criativas e atraentes. Mas essas sementes também nos contam sobre o terreno fértil que é possível cultivar no espaço escolar, sobre o esforço e a insistência que é necessária muitas vezes para algo bom acontecer.

Cada estudante compartilhou sua coleta, e foi possível perceber o quanto aquele momento foi significativo para todos nós. Ouvir cada narrativa – que partia do conteúdo do frasco como disparador, mas se desdobrava em analogias sobre a própria experiência vivida – me fez perceber que o atravessamento que busco entre arte e docência estava acontecendo ali, diante de mim, com aqueles treze professores em formação inicial.

Sobre ser professor/a-artista

Tenho buscado entender o que é ser professor-artista desde minha formação inicial, quando percebi um movimento interno de querer carregar comigo elementos dos universos da arte e da docência, sem precisar renunciar a um em favor do outro para definir minha profissão. Lancei-me às investigações

de mestrado (UFG), doutorado (UC – Portugal) e pós-doutorado (UL – Lisboa) em busca de uma resposta que me dissesse: você pode carregar em sua bagagem arte e docência, e, inclusive, fazer coisas muito bonitas quando perceber que esses dois universos podem se atravessar, podem estar imbricados um no outro.

Thornton pontua, a partir de uma análise dos testes de personalidade de Getzel, que a identidade do/a professor/a-artista

Poderia ser vista como simplesmente a soma desses fatores, associada com as identidades separadas de professor e artista ou como uma sinergia nas quais novas características, atitude, conhecimento e habilidades são desenvolvidas ou criadas. (Thornton, 2013, p 52)

É com essa segunda alternativa que diversos autores têm trabalhado em suas propostas para pensar o conceito de professor-artista. Não se trata de exercer duas profissões distintas – a de professor/a e a de artista – mas de incorporar em suas práticas o que ambos os campos têm a oferecer. As experimentações com materiais, a reflexão sobre conceitos artísticos, a produção, as sistematizações e as formas de ocupar o ateliê e os espaços da arte podem também se interconectar aos fazeres docentes. Nesse sentido, cada um/a vai definindo o que pesa mais, onde há maior conexão, de que maneira aquilo vivenciado em seu modo artista contribui para pensar uma aula, planejar um projeto na escola, organizar o desenvolvimento do ano letivo ou atuar na sala de artes. E, quando a escola não possui uma sala específica, é justamente esse modo artista que permite encontrar meios para que a arte aconteça no espaço possível.

Também o movimento contrário pode acontecer. Os espaços da educação contaminando as práticas artísticas através de suas visualidades, seus dilemas, e a ideia de coletividade, de colaboração. Inclusive, foram essas as provocações feitas aos estudantes estagiários, pois grande parte do tempo em que estiveram nas escolas, era destinado a conhecer o ambiente, observar o funcionamento e o desenvolvimento das ações locais. Assim, poderiam determinar um olhar poético/artístico para além de apenas constatar questões a respeito da escola.

O professor precisa ter oportunidades para rememorar, refletir, experimentar, desejar e exercitá-lo poeticamente, tanto quanto oportunidades para pensar criticamente sobre a profissão, a escola e o contexto social e político, de modo que o exercício crítico e criativo possa ser incorporado em sua rotina como algo natural [...]. (Mattar, 2023, p.58)

O termo professor-artista e suas variações, passou a ser utilizado a partir do século XX e, segundo Daichendt (2010; 2016) foi primeiramente mencionado por George Wallis. Esse artista, professor e designer olhava para o seu fazer artístico e para o seu ateliê com intenção de capturar algo, um procedimento, um método ou possíveis ferramentas que pudessem colaborar em suas aulas. No ensino do desenho, ao invés de manter o foco na observação do objeto, ele fazia os estudantes observarem o movimento do seu braço na execução do desenho. Ou seja, o saber fazer estava conectado ao saber ensinar.

A Escola de arte Bauhaus, na Alemanha, também colaborou muito para que o conceito de professor-artista surgesse. Com o fechamento da escola por conta da perseguição nazista e a migração de seus professores-artistas para outros países, esse modo de atuar na profissão começou a ganhar outros espaços. Foi nos Estados Unidos que tomou outras forças a partir do Black Mountain College, fundada por John Andrew Rice. Com influência bauhausiana, devido o professor-artista alemão Josef Albers ter colaborado na estruturação do currículo, bem como trabalhado nela, essa instituição também se organizou de modo interdisciplinar, unindo as diversas formas de arte.

As mudanças no universo da arte a partir do século XX, com artistas que começaram a experimentar materiais não convencionais, com ocupações de espaços fora das galerias, com temáticas ampliadas, contribuíram para o surgimento dessas escolas e, consequentemente, com um outro modo de se relacionar com os conteúdos artísticos em sala de aula. A própria abertura que estava acontecendo com a arte em seu espectro de fazeres, acabava também abrindo um caminho para outra relação com a docência. Já não dava para ensinar com métodos tradicionais como o artista Marcel Duchamp havia concebido a obra “A fonte”, por exemplo.

De todo modo, o que se pretende aqui não é um resgate histórico do termo professor/a-artista, mas de trazer um panorama e uma experiência real a respeito do assunto. Tudo isso para pensarmos em possibilidades sobre o nosso próprio modo de estar no mundo, quando nos aventuramos em uma licenciatura em artes. Permitir que o campo da arte e o da docência se relacionem em nossas práticas e em nossos pensamentos.

O pesquisador e professor-artista Joaquim Jesus (2023, p. 28-29) pondera sobre a identidade do/a professor/a-artista, especialmente quando as figuras do/a professor/a e do/a artista parecem tão distintas. Os constructos sociais contribuem para esse distanciamento, associando ao primeiro responsabilidades, regras e a atuação dentro de um sistema estruturado, enquanto ao segundo atribuem mais liberdade e espontaneidade. No entanto, o autor também assinala que é justamente essa tensão entre os dois campos que pode gerar movimentação.

Se por um lado o conceito de “artista” valoriza a experimentação, produção e uma forma de pensar sobre os problemas, por outro, o “professor”, mais do que um especialista, é também um agente manipulador e criativo que se adapta, reage e cria ambientes onde incita os alunos a pensar por meio de conceitos e questões visuais. Por isso, da mesma forma que um “artista” utiliza vários mídiuns para exprimir as suas ideias, o “professor” manipula objetos táteis, sons, voz e conceitos para mobilizar um ambiente de aprendizagem. (Jesus, 2023, p. 29)

Essa é, portanto, a potência do/a professor/a-artista: a capacidade de promover contaminações entre os campos, os atravessamentos, as interconexões e as afecções que surgem dessa relação. É fundamental compreender que não existe um modelo único a ser seguido, já que cada indivíduo vivencia a prática artística e docente de maneira singular. Assim, ao produzir-se – ou, mais precisamente, ao inventar-se como professor/a-artista – cada pessoa cria seus próprios modos de conexão e de se posicionar no mundo.

Considerações

O trabalho desenvolvido ao longo de 2024 com a turma de estagiários permitiu vivenciar, de forma concreta, aquilo que venho investigando em minha trajetória acadêmica: ser um professor-artista que concebe, planeja e desenvolve suas aulas em diálogo contínuo com seus processos artísticos. As práticas desenvolvidas ao longo do estágio, como os diários de campo e a instalação artística *Vestígios* (2024), evidenciaram esse entrecruzamento entre arte e docência.

Trabalhar com essa perspectiva revelou-se desafiador, pois muitos estudantes ao se inserirem no ambiente acadêmico, tendem a se habituar a formalidades e estruturas mais convencionais, o que pode gerar receio de arriscar, de experimentar novas abordagens. No entanto, à medida que percebem que essa jornada é compartilhada e que podemos construir juntos caminhos diversos, os resultados se tornam mais significativos, promovendo reflexões sobre o papel da arte na formação docente.

Ao longo desse percurso, mais do que experimentar métodos, propusemos modos de estar com a escola. Ocupamos esse espaço que um dia habitamos como estudantes, com outros gestos, deslocando o olhar de temas desgastados, para observar outros pontos presentes no espaço escolar. Ser professor-artista, nesse contexto, não é um título, mas uma prática que exige escuta, observação e a aposta na potência da arte como forma de pensar e agir no mundo.

REFERÊNCIAS

DAICHENDT, J. **Artist-Teacher:** a philosophy for creating and teaching. Chicago: The University Chicago Press, 2010.

DAICHENDT, J. A Sala de Aula como Estúdio. Tradução: Vinicius de Oliveira. **Revista Apotheke** [on-line], 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/24471267232016181>. Acesso em: 05/02/2023.

DAICHENDT, J. Artista Professor - Tradução: Fábio Wosniak. **Revista Apotheke**, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/2447267222016158>. Acesso em: 05/02/2023.

JESUS, Joaquim. A.L. **(In)visibilidades**: um estudo sobre o devir do professor-artista no ensino em artes visuais. Tese de doutorado, Faculdade de Belas Artes – Universidade do Porto, Portugal, 2013.

JESUS, Joaquim. O professor-artista como vírus. In: LAMPERT, Jociele; SILVA, Tharciana Goulart da; VASSALI, Miguel. (Orgs.) **Outras paisagens**. Curitiba: Appris, 2023.

LAMPERT, Jociele. [Entre paisagens] ou sobre ‘ser’ artista professor. In: GUIMARÃES, L. B.; KRELLING, A.G.; PEREIRA, J.C.; PONT, K.R.D. (Orgs.). **Ecologias inventivas**: experiências das/nas paisagens. (63-73). Curitiba: CVR, 2015.

MATTAR, Sumaya. O sistema formativo Cartografias de si na formação de professores de arte. In: LAMPERT, Jociele; SILVA, Tharciana Goulart da; VASSALI, Miguel (Orgs.). **Outras paisagens**. Curitiba: Appris, 2023.

NUNES, Aline. Cartografias de uma tese em/sobre deslocamentos territoriais. In: **Anais ANPAP**, 2013. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s8/aline_nunes.pdf Acesso em: 12/02/2016.

OLIVEIRA, Marilda O. O que pode um diário de aula? In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria: UFSM, 2013.

THORNTON, A. **Artist, Researcher, Teacher**: a study of professional identity in art and education. Chicago: Intellect, 2013.

ZABALZA, M. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Recebido: 15/03/2025
Aceito: 10/04/2025